

## JUVENTUDE E O CONSUMO DE/EM PLATAFORMAS DIGITAIS: REFLEXÕES SOBRE O ACESSO AOS CONTEÚDOS

**MARIA LUIZA REIS CASTRO** 

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 20270-021, marialuizarcastro@gmail.com*

**ALICE MOURA ARAÚJO DA SILVA** 

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 20270-021, moura.alicea@gmail.com*

**PATRÍCIA OLIVEIRA DE FREITAS** 

*Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, Brasil, 23890-000, pfreitas@ufrj.br*

**SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA** 

*Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil, 20270-021, sergio.rocha@ifrj.edu.br*

### RESUMO

Ao final do século XX, ocorreu a ascensão das tecnologias digitais de informação e de comunicação (TDIC's), fator que modificou significativamente a sociedade. No que concerne à educação, as práticas que se desenvolveram a partir dos usos destas tecnologias apresentaram um novo meio de adquirir conhecimento, que não se limita a um espaço ou tempo. O presente artigo traz reflexões acerca das principais plataformas digitais educativas consumidas pelos estudantes de uma escola técnica federal, analisando seu conteúdo, sua estrutura e as razões para o seu acesso, a partir da aplicação de questionários. Posteriormente, os dados foram tabulados e analisados, quantitativa e qualitativamente. Através das análises, observou-se que muitos dos canais eram semelhantes entre si, possuindo uma aproximação com as práticas escolares tradicionais. Conclui-se, que as plataformas digitais fazem parte da vida desses jovens, ocupando um papel não apenas de entretenimento, mas também no aprendizado, complementando os conteúdos das aulas presenciais.

**Palavras-chave:** Educação. Juventude. Plataformas Digitais. Tecnologias digitais de informação e de comunicação.



## YOUTH AND THE USE OF DIGITAL PLATAFORMS: REFLECTIONS ON CONTENT ACCESS

### ABSTRACT

At the end of the 20th century, the rise of digital information and communication technologies, transformed Society. Digital platforms presented a new way of acquiring knowledge, timeless and spacelessness, defying current models of teach. This article reflects on main digital platforms contents consumed by federal technician school students', analyzing their content, structure and search motivations, using the questionnaire application methodology. Data were quantitatively and qualitatively analyzed. We concluded that many channels were similar in their organization and structure, based on practices similar traditional school. It's concluded that digital platforms are part these young people's lives, acting not only as entertainment, also, complementing apprenticeship, sometimes replacing classroom contents..

**Keywords:** Education. Youth. Digital Platforms. Digital Information and Communication Technologies.

### 1 INTRODUÇÃO

A escola é uma instituição que, por séculos, se manteve detentora do saber formal e do papel de difundir-lo. Entretanto, com o surgimento das tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC's), este conhecimento passou a estar disponível em uma variedade de outros "espaços". A difusão do acesso à internet, no século XXI, ocasionou mudanças significativas no acesso à informação, dando origem a aprendizagem *ubíqua*, termo utilizado por Lucia Santaella (2013a, 2013b) para denominar as novas formas de aprendizagem mediadas pelos dispositivos<sup>1</sup> móveis.

Essa nova forma de aprendizado permeia o cotidiano de muitos jovens de forma mais habitual, o que levou à criação do termo Geração Z para denominá-los, descrita por Vidal e Dantas (2016) como a geração que "já nasceu em um mundo digitalizado e leva o nome a partir da palavra

---

<sup>1</sup> Os termos dispositivos e artefatos são utilizados como sinônimos, ao longo deste texto, para fazer referência a produções técnicas humanas que são constituídas por aspectos materiais e imateriais, como um celular ou um site, por exemplo. É importante pensar que, embora se apresente como um objeto material, um celular necessita de um conjunto de instruções e programas que o façam funcionar. Um site disponível na internet, por sua vez, só pode ser acessado através de um terminal físico, bem como a sua existência depende de um espaço físico para o seu armazenamento.



zapear<sup>2</sup>". É importante, neste ponto, sempre refletir sobre as diferentes condições de ser jovem. Sarlo (2013), ao criticar a ideia de que o consumo da tecnologia produz uma espécie de universalidade de usos, comenta que, no que diz respeito aos *videogames*, falamos de um público predominantemente masculino, relativizando o "otimismo tecnológico" (SARLO, 2013, p.146) que postula um processo homogêneo e mecânico na relação dos jovens com as tecnologias.

As reflexões da autora são importantes para que, partindo dos usos, relativizemos uma concepção meramente técnica da relação dos jovens com as tecnologias da informação e da comunicação. Não basta pensar apenas no acesso aos meios técnicos, é preciso apreender também de quais maneiras esses meios são apropriados de modos distintos, por diferentes jovens, quais são as potencialidades e os pontos fracos desta relação.

A partir desta crítica à universalização, podemos refletir também sobre as condições e características do ser jovem. Neste sentido, não cabe compreender a juventude como categoria absoluta, pois "(...) as juventudes são tomadas como uma categoria social transversalizada pelas categorias de gênero, de classe social, de etnia e de geração, dentre outras variáveis (DAYRELL, MOREIRA E STENGEL, 2011, p.12). Tal postura teórico-metodológica nos permite perceber as diferentes formas do ser jovem na contemporaneidade e evitar o determinismo tecnológico.

Nosso campo de pesquisa é constituído por jovens urbanos de uma escola muito bem avaliada no mercado de bens simbólicos. Os artefatos digitais presentes no cotidiano destes jovens podem ser utilizados para diversas finalidades, como: entretenimento, comunicação, produção de imagens, estudo, entre outros. No que concerne ao estudo, o surgimento das TDIC's possibilitou uma ampla rede de plataformas digitais educacionais, sejam elas sites didáticos ou canais de videoaula<sup>3</sup>.

Outrossim, as plataformas digitais, entre elas, aquelas que produzem conteúdos educacionais, disponibilizam o acesso a conteúdos da internet para todo e qualquer indivíduo, que disponha das mais variadas condições para o acesso. Como nos aponta Martín-Barbero (2014), este tipo de acesso mostra que, de fato, temos de pensar nos processos de produção do conhecimento nos dias de hoje. Sua presença tensiona a

---

2 Proveniente do Inglês, o termo *zapping* designa o ato de trocar de canais por meio do controle remoto, de forma constante e sem um foco específico.

3 Ao mencionar as expressões "plataformas digitais educacionais", "sites didáticos" ou "canais de videoaula", temos em mente produções disponibilizadas no ciberespaço (Lévy, 1999), que reproduzem conteúdos disciplinares similares, ou muito próximos, daqueles que são abordados no ambiente escolar formal. O caráter educativo, entendido em sua significação mais ampla, pode estar presente em outras plataformas digitais. Entretanto, nosso interesse é mais específico. Ao mesmo tempo, limitamos nosso estudo às plataformas digitais educacionais que foram citadas pelos participantes da pesquisa.



identidade da escola como instituição detentora exclusiva do saber. Ao mesmo tempo, surge a possibilidade de eliminar as restrições ao saber dadas por sua dimensão geográfica. Vivemos em um mundo no qual não há mais espaço delimitado para o processo de aprendizagem, pois, a informação pode estar onde você estiver. Neste sentido, vivemos em uma *cidade educativa* e transitamos de uma *sociedade com um sistema educativo* para uma sociedade do conhecimento e da aprendizagem contínua, na qual a dimensão educativa atravessa todos os espaços.

A relação com o tempo também se modifica, visto que, os dispositivos móveis estão presentes no cotidiano de todos, principalmente dos jovens. Uma vez de posse de um dispositivo conectado à internet, há a possibilidade de acessá-la e, através dela, utilizar plataformas para buscar o conteúdo que se deseja, incluindo os conteúdos ligados à educação formal. Entretanto, cabe ressaltar que a disponibilidade de acesso não ocorre de forma igual para todos, devido à significativa exclusão digital que ocorre em nosso país.

Uma vez que os jovens estão cada vez mais conectados à internet, ou, pelo menos, permeados por suportes tecnológicos, é de se esperar que, em algum momento, esses dispositivos tensionem a realidade escolar. Desta forma, se torna imprescindível aprofundar o conhecimento sobre em quais momentos essas plataformas digitais educacionais podem ser requeridas na vida do estudante, assim como, quais os diferentes motivos que levam o acesso a esses materiais *online*. Ao mesmo tempo, é preciso verificar o que as plataformas digitais educacionais não são capazes de prover diante do modelo tradicional de ensino.

Nessa perspectiva, o artigo tem como objetivo observar e buscar entender de que forma as plataformas digitais educativas coexistem com os modelos educacionais presenciais, no que se refere a um espaço de disseminação do saber e por quais razões os jovens podem vir a utilizar esses recursos. O estudo da relação entre a escola, que é majoritariamente *offline*, e o mundo digital, é essencial para compreender as singularidades de cada ambiente. Além disso, mapear as principais plataformas digitais educacionais utilizadas pelos estudantes, as motivações da eventual busca destas plataformas e analisar o conteúdo e a estrutura dos materiais nelas disponibilizados também nos ajudam a entender as lógicas que mobilizam as suas relações.

Este texto faz parte das reflexões de um grupo de pesquisa que se dedica, desde 2017, a pensar sobre as relações entre os jovens e as tecnologias. No presente momento, desenvolvemos uma pesquisa que tem como objetivo mais amplo averiguar se os alunos utilizam de algum modo as plataformas digitais de ensino e de que modo se dá a relação entre estes usos e as dinâmicas da escola em aulas presenciais. Entre os objetivos



mais específicos estão conhecer as plataformas mais usadas por estes alunos, confrontá-las com o modelo presencial de aula, refletir sobre seu modo de organização, entre outros.

Na escrita do texto, optamos por não realizar a discussão sobre a fundamentação teórica em separado. Assim, os autores que embasam nossa pesquisa serão usados na medida em que, ao longo do texto, suas contribuições se façam adequadas para a discussão dos dados.

## 2 METODOLOGIA

O desenvolvimento teórico da pesquisa foi realizado a partir de um levantamento bibliográfico de autores que têm se dedicado a estudar essa temática, dentre os quais destacamos: Pierre Lévy, em sua obra *Cibercultura* (1999); Lucia Santaella, nas obras *Comunicação ubíqua: repercussões na cultura e na educação* (2013) e *O livro como prótese reflexiva* (2019); Néstor García Canclini, na obra *Leitores, espectadores e internautas* (2008) e por último, Jesús Martín-Barbero, em sua obra *A comunicação na educação* (2014).

Com o propósito de conhecer a visão dos jovens acerca das plataformas digitais foi elaborado um questionário que foi aplicado para estudantes de uma escola técnica federal situada no município do Rio de Janeiro. Nele, foram abordados diferentes aspectos, como: perfil do aluno, condições socioeconômicas, os artefatos digitais utilizados, rotina de estudo e, principalmente, a utilização ou não de plataformas digitais educacionais. Entre estas questões, buscou-se obter dados sobre os sites e canais de videoaulas mais acessados, a frequência com que ocorrem esses acessos e se havia a percepção de diferenças entre os conteúdos *online* e os conteúdos presenciais na opinião dos alunos.

Através da tabulação das respostas obtidas a partir dos questionários, realizou-se uma análise estatística dos dados. Dessa forma, foi possível listar os canais citados e chegar aos mais recorrentes e, a partir disso, selecionar os que seriam analisados de maneira mais aprofundada. Os parâmetros adotados para a seleção foram: os canais mais citados pelos alunos, canais que oferecem diversas disciplinas (focando no vestibular/ENEM), canais que focam em apenas uma área de conhecimento<sup>4</sup> e canais que se apresentavam nas suas descrições como de natureza social.

Por fim, foram selecionadas, de forma aleatória, duas videoaulas de cada canal escolhido, que foram analisadas a partir dos seguintes parâmetros:

---

<sup>4</sup> Há canais que contemplam um conjunto de disciplinas, replicando o modelo escolar formal, por exemplo, o canal Descomplica (<https://www.youtube.com/c/descomplica/about>), e há outros que focam em uma única disciplina, como por exemplo, Ferreto Matemática (<https://www.youtube.com/user/professorferreto/about>).



duração da aula, enquadramento, cenário, eventual resolução de exercícios, propaganda, recursos visuais, recursos sonoros e outros recursos.

É importante considerar que o consumo efetuado pelos jovens não se define de modo passivo, constituindo subjetividades necessariamente insaciáveis, instáveis e narcísicas. Como afirma Canclini, o consumo tem uma lógica que é determinada pelas práticas socioculturais dos sujeitos. Assim sendo, segundo ele, caberia analisar os “processos de consumo como algo mais complexo do que a relação entre meios manipuladores e dóceis audiências” (CANCLINI, 2005, p.59).

Nessa perspectiva, Canclini destaca que o consumo tem também uma função de interação e que consumir é um modo de distinguir-se dentro do próprio grupo para fazer parte de uma comunidade e/ou ampliar a interação. Desse modo, consumir pode não ser, necessariamente, reproduzir, visto que essa prática pode estar associada às condições culturais de um grupo social que cria processos de construção de identidade na produção de sentidos que estabelecem com os objetos consumidos.

Ao mesmo tempo, para o autor, neste processo:

(...) a escola vê reduzir-se sua influência: primeiro a mídia de massas e, recentemente, a comunicação digital e eletrônica multiplicando espaços e circuitos de acesso aos saberes e à formação cultural. (...) Os jovens adquirem nas telas extracurriculares uma formação mais ampla em que conhecimento e entretenimento se combinam. Também se aprende a ler e a ser espectador sendo telespectador e internauta. (CANCLINI, 2008, p.24).

Canclini chama a atenção para a necessidade de nos interrogarmos sobre de que modo os jovens se relacionam com estes artefatos culturais, para entender quais são as mutações que estão em curso. Um olhar que veja no consumo destes artefatos a sua dimensão de produção de sentidos e não de simples domesticação ou de reprodução. Esta posição implica reconhecer o papel ativo e o protagonismo dos jovens, não reduzindo a juventude a uma simples etapa no processo que conduz à idade adulta, mas como um momento da vida que possui características próprias.

### **3 DISCUSSÕES ACERCA DOS RESULTADOS**

#### **3.1 PERFIL DOS PARTICIPANTES**

A pesquisa obteve como universo de análise um total de 88 questionários respondidos. No que concerne ao perfil dos alunos participantes da pesquisa, pertencentes à faixa etária de 15 a 22 anos, pôde-se averiguar que 52,27% dos entrevistados se identificavam com o gênero masculino,



enquanto 46,59% se identificavam com o gênero feminino e 1,14% com outro(s) gênero(s). Em relação ao período escolar, 40,91% dos alunos participantes estavam matriculados no oitavo período do ensino médio-técnico, 36,36% se encontravam no quarto período, 12,50% no segundo período e 10,23% cursavam o sétimo período. Além disso, sobre a rede de ensino de origem desses alunos, 43,18% dos alunos vieram da rede privada de ensino, 25% da rede federal, 23,86% da rede municipal e 7,95% da rede estadual.

### 3.2 PRESENÇA DA TECNOLOGIA NO COTIDIANO

Os alunos foram questionados se consumiam algum conteúdo digital no trajeto entre sua casa e a escola: 82,95% afirmaram que consumiam, enquanto 17,05%, não. Dentre os que afirmaram que sim, foi perguntado se consumiam algo relacionado às atividades escolares: 43,18% dos alunos afirmaram que às vezes consomem, enquanto 39,77% afirmaram que consomem apenas em dias de provas/trabalhos. Já 9,09% não consomem esse tipo de material, 6,82% sempre consomem e 3,41% não responderam ao questionamento<sup>5</sup>. A relação que se apresenta do indivíduo estar em deslocamento e, ao mesmo tempo, acessando conteúdos educacionais, evidencia a possibilidade da hipermobilidade nesse espaço, no qual, o ciberespaço e o espaço físico se entrelaçam em um só (SANTAELLA, 2013a, 2013b).

Ademais, o indivíduo, quando inserido no espaço de hipermobilidade, se torna um leitor ubíquo, o qual é capaz de transitar entre o mundo digital e o físico, pois ele está continuamente em contato com esses dois universos e desenvolveu um perfil cognitivo que se adaptou a esse nível de conectividade. Como descrito por Lucia Santaella (2019), o leitor ubíquo agrega as características do leitor movente com as do leitor imersivo, sendo do leitor movente, a habilidade de ler enquanto transita no espaço físico e do leitor imersivo, a habilidade cognitiva de mergulhar no ciberespaço, sem se desprender do mundo *offline*.

Os avanços da tecnologia possibilitaram a *computação ubíqua*, definido por Santaella (2013a, 2013b) como sendo a combinação da mobilidade com a funcionalidade da computação pervasiva, na qual o “computador está embarcado nos ambientes de forma invisível para o usuário”. Em relação à educação, isso possibilita o estudo em diferentes espaços através de artefatos digitais, como dispositivos móveis ou o acesso aos conteúdos do ciberespaço.

---

<sup>5</sup> A pergunta foi multivalorada, sendo assim, a soma dos percentuais das respostas pode superar os 100%. Ao longo do texto, sempre que os valores ultrapassarem os 100%, significa a presença de uma questão deste tipo: nelas, os alunos poderiam marcar mais uma opção.



### 3.3 UTILIZAÇÃO DAS PLATAFORMAS DIGITAIS PARA FINS EDUCACIONAIS

Como apontado por Martín-Barbero (2014, p.125), “a escrita digital é um direito primário da cidadania para o qual a escrita escolar não prepara”. É possível observar que muitos jovens nascem imersos na escrita digital. Dessa forma, transitam entre o ciberespaço e o ambiente *offline* da escola em seu cotidiano. Então, para os estudantes, utilizar os conteúdos educacionais disponibilizados no ciberespaço na hora de estudar, pode ser um processo usual.

Os alunos também foram questionados se utilizavam algum artefato digital para estudar e, dentre aqueles que afirmaram que sim, observou-se que 71,59% deles utilizam computadores na hora do estudo, 59,09% recorrem ao celular e 3,41% fazem uso de tablets para fins educacionais. Uma vez que, é recorrente o uso de artefatos digitais para estudo, indagou-se sobre quais plataformas são buscadas através desses artefatos: 80,68% dos alunos recorrem a sites didáticos e a videoaulas; 5,68% recorrem apenas a videoaulas; 6,82% utilizam apenas sites didáticos e essa mesma porcentagem não utiliza desses recursos.

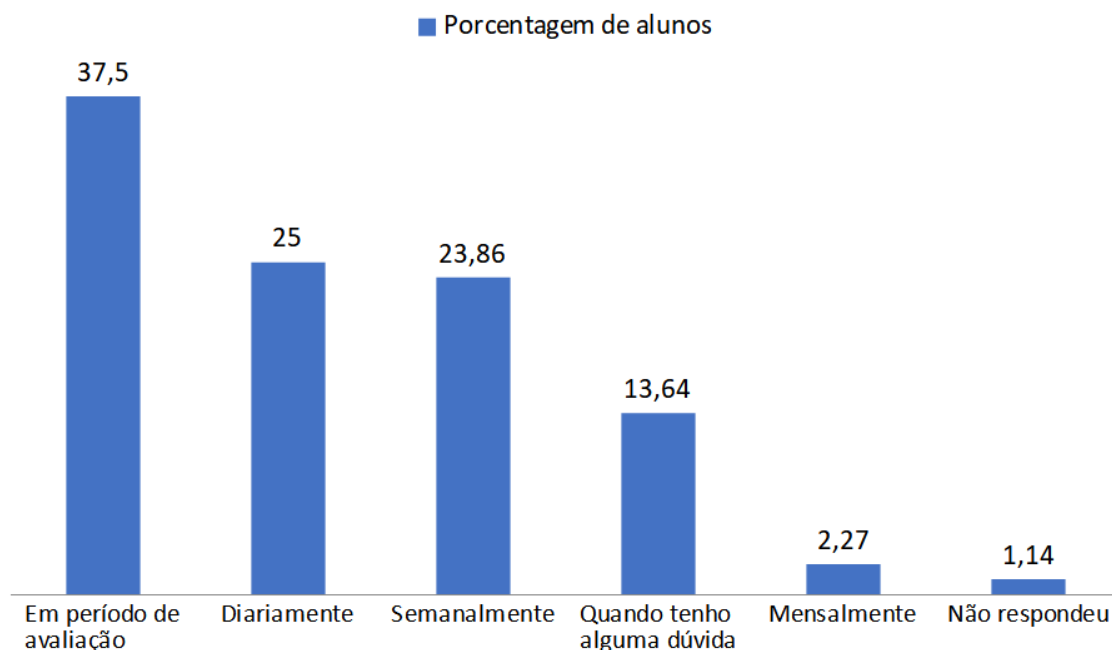
Como relatado, o uso de conteúdos disponibilizados através da internet, na hora do estudo, é um hábito presente na vida de grande parte dos jovens e expõe o fenômeno do descentramento do saber, no qual, ele pode ter acesso a conteúdos de cunho educativo no ambiente que deseja, deixando de depender do espaço físico delimitado, como escola, para obtenção do conhecimento. E, como relatado por Martín-Barbero (2014, p.121), “a educação já não é concebível a partir de um *modelo de comunicação escolar* que se encontra ultrapassado tanto espacial como temporalmente (...)”, não sendo possível ignorar o caráter pervasivo que o conhecimento tem adquirido com o advento destas tecnologias.

Então, tendo em vista o hábito de estudo e utilização de dispositivos para este fim, foi perguntado aos estudantes da pesquisa sobre a frequência com que consumiam os conteúdos das plataformas para fins educacionais e os motivos que os levavam a acessá-las, como pode ser observado nos gráficos 1 e 2.





gráfico 1.  
Frequência  
de acesso às  
plataformas digitais  
para estudar.



Observando o gráfico 1, podemos perceber que existe uma diferença entre os dois perfis de alunos. Aproximadamente a metade dos alunos entrevistados acessa aos conteúdos digitais com certa regularidade, conclusão a que chegamos, se somarmos os percentuais de “diariamente” e “semanalmente”, que totalizam 48,86%. A outra parcela de 51,14%, referente à soma das categorias “em período de avaliação” e “quando tenho alguma dúvida”, não acessa de modo regular. Vemos, assim, que as plataformas digitais são utilizadas por um grupo de alunos de modo regular, o que pode indicar a existência de uma rotina de estudos, e por um outro grupo de alunos de modo mais pontual. Ao mesmo tempo, esta divisão nos indica como, de fato, devemos estar atentos às diferentes formas de usos por parte de grupos heterogêneos de jovens.

O que leva os alunos a buscarem estas plataformas? No gráfico 2, podemos observar a distribuição percentual das respostas a partir da apresentação de 5 opções. Observando estes dados, pôde-se perceber que, entre as principais razões que motivam os alunos a recorrerem a essas plataformas educacionais, estão: “aprender aquilo que não aprendi nas aulas”, “complementar o conteúdo aprendido nas aulas” e “aprofundar o conteúdo das aulas”.

Sendo assim, percebemos que o consumo destes conteúdos, na visão dos alunos, cumpre um papel complementar ou auxiliar daqueles temas que foram apresentados no ambiente da escola. Isto indica que este acesso não segue a lógica da substituição daquilo que a escola apresenta pelos conteúdos destas plataformas *online*, demonstrando que um ambiente não exclui o outro.



Nesse contexto, pode-se entender que:

Cada uma das formas de aprendizagem apresenta potenciais e limites que lhe são próprios. Por isso mesmo, a educação à distância não substitui inteiramente a educação gutenberguiana, assim como a aprendizagem em ambientes virtuais não substitui ambas, tanto quanto a aprendizagem ubíqua não é capaz de substituir quaisquer dessas formas anteriores. Ao contrário, todas elas se complementam, o que torna o processo educativo muito mais rico. (SANTELLA, 2010, p.21)

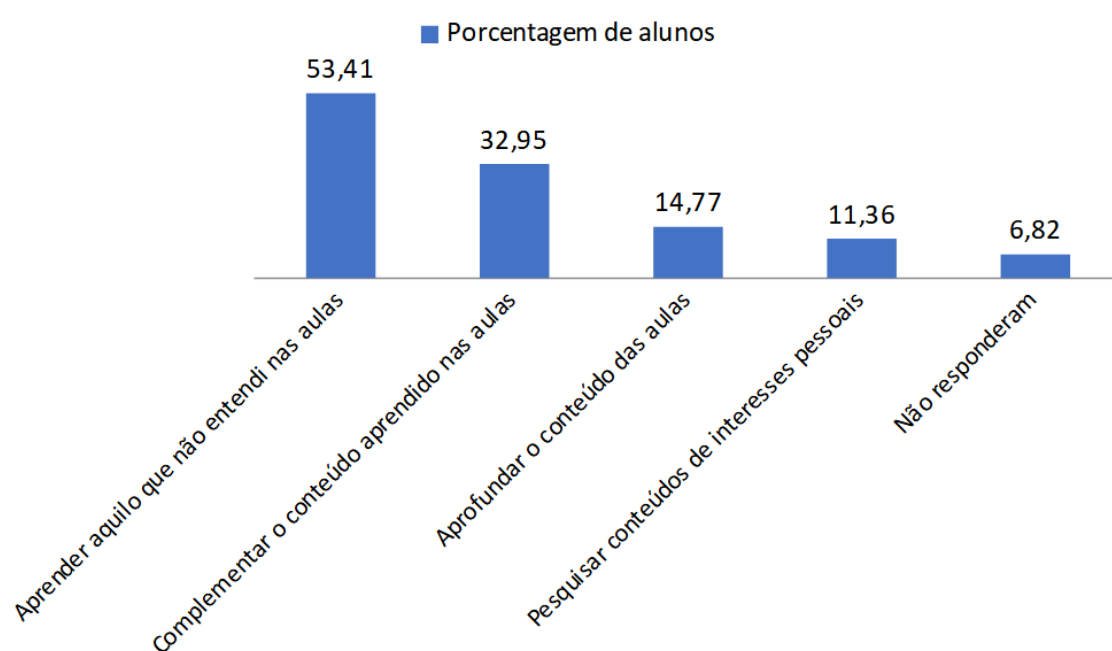


gráfico 2. Principal motivo para recorrer a sites didáticos e/ou videoaulas na internet.

No que se refere à percepção dos alunos sobre o que diferencia as aulas presenciais das videoaulas de canais de estudo, foram obtidas respostas discursivas, que foram categorizadas a partir de semelhanças que continham entre si. O quadro 1 possui falas que são representativas para cada categoria em que estão inseridas.

O principal fator atrativo das aulas *online* foi a “flexibilidade de horário”, como descrito na fala “é possível assistir às videoaulas em qualquer momento”. Então, pode-se estabelecer um paralelo com Santaella (2013a, 2013b) no que diz respeito à ubiquidade na contemporaneidade, que seria a habilidade de se comunicar a qualquer hora e em qualquer lugar, nesse caso, aplicada à educação. Tendo em vista essa realidade, além do indivíduo assumir um papel de ser ubíquo, também assume a potência de estudante ubíquo, que através de dispositivos e de conexão que viabilizem o acesso a videoaulas e a sites didáticos, pode ter acesso a conteúdos que anteriormente eram exclusivos do ambiente escolar.



Também dentro dessa flexibilidade, estão ferramentas técnicas que podem ser utilizadas para melhor uso do tempo ao assistir a conteúdos *online*, sendo elas, a possibilidade de acelerar a reprodução dos vídeos, pausar ou reassistir partes específicas. Além disso, outra característica apontada foi a “comodidade”, descrita nas respostas como a possibilidade de assistir às aulas em um lugar confortável, tal como na própria casa.

<b>Categoria</b>	<b>Quantidade de citações</b>	<b>Falas representativas</b>
Comodidade	6	“O fato de estar em casa me deixa mais tranquilo e auxilia no aprendizado.” “Consigo possuir mais foco”
Flexibilidade de horário	37	“A videoaula pode ser assistida diversas vezes, caso o conteúdo não fique claro. Além disso, é possível pausar quando necessário, o que nem sempre ocorre nas aulas presenciais” “É possível assistir às videoaulas em qualquer momento.”
Disponibilidade de dúvida	16	“Nas aulas presenciais, eu posso tirar dúvidas e ter discussões com o professor e meus colegas, já nas videoaulas isso não é possível” “Quando você tem contato com o professor, é diferente. Ele está disponível para tirar dúvidas, explicar de outras maneiras.”
Interação humana	11	“A interação aluno-professor que vem com uma aula presencial” “Nas videoaulas, é tudo muito mecânico, você assiste ao vídeo e pausa quando quiser. Na presencial, você tem o contato com as outras pessoas.”
Conteúdo	33	“As aulas presenciais possuem uma carga de conteúdo maior e mais explicada, enquanto as videoaulas dão um resumo.” “Pois as videoaulas possuem uma linguagem mais objetiva e dinâmica, o que não acontece, em sua maioria, em sala de aula.”

quadro 1. Aulas presenciais versus videoaulas: as falas dos alunos.



Por outro lado, existem fatores que, na opinião dos alunos, estão presentes apenas nas aulas presenciais, tais como a disponibilidade do professor para sanar as dúvidas, pois, como foi apontado pelos alunos, presencialmente, o professor resolve dúvidas na mesma hora e está à disposição para questionamentos. Enquanto, na aula *online*, não há essa disponibilidade, e quando há, não é algo instantâneo. Outro fator diferencial é a interação humana, com o professor e com os colegas, que é proporcionada pelo ambiente escolar.

Como apontado por Santaella (2013b), com o desenvolvimento tecnológico, aparelhos móveis, como os celulares, possibilitam que os indivíduos se tornem intermitentemente pessoas presentes-ausentes, pois, idealiza-se que os indivíduos estão sempre *online* e disponíveis através de seus perfis em redes sociais e em aplicativos de comunicação. Independente, se a pessoa está ou não conectada às redes, seu perfil está disponível, gerando essa presença-ausência. Tendo em vista esse conceito, pode-se estabelecer um paralelo com as videoaulas, pois há a transmissão do conhecimento de uma forma similar à presencial. Entretanto, sem a presença real das pessoas envolvidas: por exemplo, um aluno assistindo a uma aula que foi postada há dois, três ou cinco anos. Há o repasse de informação, porém, não haverá interação para tirar dúvidas, fazer comentários ou tentativas de diferentes abordagens.

Em relação ao conteúdo, houve divergências no que diz respeito às duas modalidades de ensino. Os alunos argumentaram acerca das diferenças no que se refere à particularidade do conteúdo disposto. Alguns argumentaram, que nas aulas presenciais, o conteúdo era dado de forma densa e aprofundada, enquanto outros disseram que nas aulas online, o conteúdo era apresentado de modo objetivo e dinamicamente diferenciado, através de recursos tecnológicos, demonstrando assim, a singularidade de cada modalidade.

Além das falas apresentadas no quadro 1, houve uma fala específica que abordou um assunto de extrema relevância em relação à abrangência de público das videoaulas. Um participante da pesquisa afirmou que “A didática, muitas vezes, das videoaulas é melhor por tratar-se de um conteúdo direcionado a pessoas de diversas escolaridades.”. Tendo isso em vista, pode-se estabelecer um paralelo com Lévy, em sua obra *Cibercultura*, quando o autor afirma que “(...) o essencial se encontra em um novo estilo de pedagogia, que favorece ao mesmo tempo as aprendizagens personalizadas e a aprendizagem coletiva em rede”. (LÉVY, 1999, p. 158)

Uma vez que o acesso à internet tem se difundido e os conteúdos digitais educacionais têm se popularizado, pessoas de diferentes vivências e níveis de escolaridade podem ter acesso ao mesmo conteúdo, o que pode



ser visto como um aspecto positivo. Mas, é importante considerar que as realidades e fatores como, bens materiais, acesso à internet e tempo, também influenciam no aproveitamento dessa forma de aprendizado.

### 3.4 REFLEXÕES ACERCA DO ACESSO AOS CANAIS

Através do questionário, os alunos foram perguntados sobre quais canais de videoaulas eles costumavam assistir e, a partir desse questionamento, foram levantados trinta e dois canais de viés educacional no *YouTube* e foi elaborada uma listagem com todos esses canais. A partir dessa listagem, foi feita uma tabulação dos canais, por área de conhecimento, que pode ser observada no gráfico 3.

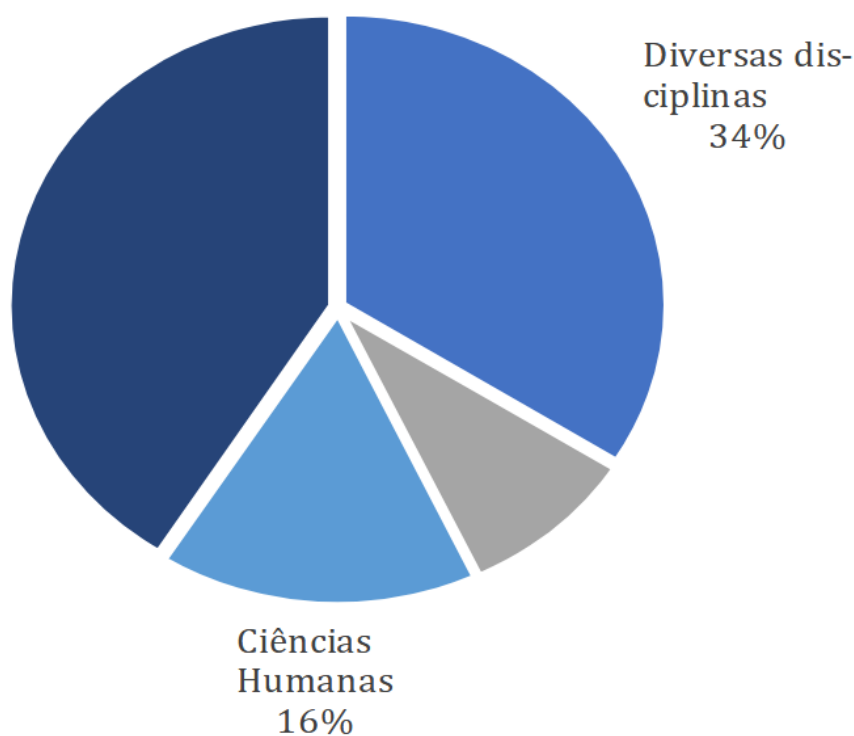


gráfico 3.  
Percentual das  
buscas por área  
de conhecimento/  
disciplina.

No gráfico é possível observar que há uma procura maior pelos conteúdos da área de Ciências Exatas. Considerando-se a matriz curricular dos cursos de ensino médio-técnico da escola em questão, é possível aventar uma explicação para esta procura. No curso X, por exemplo, que é o curso com menor carga horária das disciplinas da área de exatas, há 38 disciplinas das áreas das Ciências Humanas e suas Tecnologias e de Códigos



e Linguagens e suas Tecnologias, de um total de 83 matérias. Já o curso Y, com maior carga horária de disciplinas da área de exatas, oferece 90 disciplinas no total, das quais 39 são das áreas das Ciências Humanas e suas Tecnologias e de Códigos e Linguagens e suas Tecnologias. Desse modo, em termos absolutos, a soma da quantidade de disciplinas que se relacionam as das áreas das Matemáticas e suas Linguagens e das Ciências da Natureza e suas Linguagens é maior do que a soma das disciplinas das áreas das Ciências Humanas e suas Tecnologias e de Códigos e Linguagens e suas Tecnologias.

Considerando os números apresentados, parece existir uma disparidade não tão grande entre os dois conjuntos de disciplinas. Entretanto, quando é feita uma análise da carga horária dessas disciplinas, percebe-se uma desproporção entre as disciplinas das áreas das Matemáticas e suas Linguagens/Ciências da Natureza e suas Linguagens e das Ciências Humanas e suas Tecnologias/Códigos e Linguagens e suas Tecnologias. A título de exemplo, no 4º período do curso Y, aparenta ter uma equidade entre as disciplinas, sendo 5 de exatas de um total de 11 matérias. Todavia, no que diz respeito à carga horária, as 5 disciplinas totalizam 324 horas enquanto todas as outras apenas 189 horas, mostrando assim, que existe uma disparidade na quantidade de conteúdo de cada área do conhecimento transmitida ao aluno, interferindo, aparentemente, nos tópicos que ele busca na hora do estudo.

Outra análise realizada buscou mapear as características dos canais: dentre os 32 canais citados, 16 contavam com mais de 38,4 mil inscritos e 13 possuíam mais de um milhão. Entre esses últimos, o Descomplica (canal mais citado), estava na margem de 2.99 milhões de inscritos. Considerando que esses são canais de cunho educacional e foram contabilizados apenas os inscritos do YouTube (desconsiderando plataformas pagas), à primeira vista, pode-se dizer que são números significativos. Para se ter uma ideia do volume de acessos a este canal, podemos comparar com o total de jovens de acordo com o censo demográfico do IBGE de 2010 (IBGE, 2010). Havia aproximadamente 17 milhões de indivíduos na faixa etária de 15 a 19 anos. Percebe-se que a quantidade de inscritos do canal mais citado corresponde a 17,6% dos jovens nesta faixa etária no Brasil<sup>6</sup>.

Tal fato pode ser relativizado, quando comparado aos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua – PNAD Contínua de 2018 (IBGE, 2018), na qual os dados apontam para o fato de que 1 a cada 4 brasileiros não utiliza a internet, no período de referência da pesquisa (2018). Assim sendo, a utilização de aulas *online* como única modalidade

---

<sup>6</sup> Aqui utilizamos os dados do censo apenas para poder ter um critério comparativo que deixe mais claro o significado do número de inscritos no canal.



de ensino deve ser sempre problematizada a partir de uma reflexão sobre os diferentes obstáculos materiais que impedem o acesso de muitos indivíduos à internet, somado a questões relativas ao contexto de uso. Como exemplo, podemos citar o acesso apenas por celular, que traz sérios limites à busca e ao uso de informação; habitar uma casa com poucos cômodos e com muitos moradores, o que limita a possibilidade de concentração em atividades que exigem maior atenção; o gênero do usuário, estando as mulheres envolvidas com as atividades relativas ao trabalho doméstico, além de todas as outras dimensões da vida. Estas são algumas questões que devem ser pensadas em conjunto com as reflexões sobre as modalidades de ensino a distância.

Outro critério, verificado a partir da listagem dos 32 canais, foi a presença de recursos pagos. Observou-se que 56,25% dos canais possuem essa opção. Geralmente, nessas plataformas pagas, são oferecidos materiais de aprofundamento, sendo essas aulas mais longas e com mais exercícios. Em alguns casos, também há a opção de monitorias e correção de redação.

### 3.5 UM OLHAR SOBRE AS VIDEOAULAS

Dentre os canais citados, foram escolhidos cinco para terem duas aulas analisadas. Foram selecionados aqueles que tinham sido citados por mais alunos e com perfis diferentes entre si: um com disciplinas variadas, um de exatas, um de biológicas, um de humanas e o único de cunho social citado. Eles podem ser observados no quadro 2.

Canal	Título da aula/Tema
Descomplica (Curso privado)	O que são vírus e viroses
Descomplica (Youtube)	O que são vírus e viroses
	Darwinismo, Criacionismo E Lamarckismo   Evidências Da Evolução
Biologia Total com prof. Jubilut	Ponto de Compensação Luminosa (PCL)
	Introdução à genética
Ferretto Matemática	Progressão Aritmética PA: Introdução (aula 1 de 6)
	Geometria Plana: Introdução - Ângulos (Aula 1)
Débora Aladim	Resumo de História: Ditadura Militar
	Resumo de História: Inconfidência Mineira e Tiradentes - em Ouro Preto, MG
Aula De	Matemática financeira: juros - conceitos e aplicações
	Progressão Aritmética (PA)

quadro 2. Tema da aula analisada nos canais citados.

Dados referentes aos dias de captura: 11/05/2020 e 12/05/2020.



Durante a análise dos vídeos, pôde-se observar que no critério “enquadramento”, todos os canais se assemelhavam, variando entre “Primeiro plano”, no qual a figura humana é enquadrada do peito para cima e “Meio primeiro plano”, sendo a figura enquadrada da cintura para cima e na maior parte das vezes, com os professores de pé. O cenário também seguia um padrão, sendo fundos estáticos ou quadros (às vezes, interativos) que o professor utilizava durante a aula. Em relação aos recursos visuais, foi recorrente a utilização de imagens e textos sobrepostos ao vídeo. Esses recursos apresentavam dicas, observações, infográficos e/ou imagens ilustrativas. Dentre os canais analisados, pouco mais da metade das aulas possuíam resolução de exercícios e, no geral, as aulas eram focadas na exposição e explicação de conceitos. Também foi observada a recorrente aparição de propagandas geradas pelo próprio *YouTube*, antes do início do vídeo ou depois de cerca de cinco minutos de exibição. Porém, em quatro canais dos que possuem planos pagos, havia propagandas sobre estas modalidades por eles oferecidas.

O Descomplica, canal mais citado entre os alunos, possui uma plataforma com cursos pagos, além do canal gratuito no *YouTube*. Devido à disponibilidade de acesso ao curso pago por meio de um dos membros da pesquisa, foi possível averiguar as diferenças de conteúdo entre as aulas pagas e gratuitas. Sendo assim, foi analisado o mesmo tópico nas duas plataformas. No curso privado, essa aula possuía duração de 1 hora e 24 minutos, enquanto no *YouTube* possuía apenas 45 minutos e, em ambos, houve disponibilidade de tirar dúvidas, embora isto tenha sido incomum durante o período de análise das videoaulas a que assistimos em nossa pesquisa. Observando a duração das videoaulas dos outros canais, não há um padrão de duração, pois foram analisadas aulas de cerca de 5 minutos até aulas de 45 minutos, porém, pode-se ter como média uma duração de aproximadamente 15 minutos. Em relação aos recursos sonoros e visuais nas aulas, a plataforma paga não apresentava nenhum diferencial. Entretanto, no curso pago, há outras ferramentas para auxiliar no aprendizado, como monitorias, planos de estudo, correção de redações, simulados, entre outras.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

É notório o avanço da utilização das tecnologias digitais de informação e de comunicação para fins educacionais. Entretanto, é necessário refletir sobre os desafios e os limites da acessibilidade dessa nova modalidade de ensino. A exclusão digital é uma realidade no Brasil, como foi mostrada pelos dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio Contínua de 2018, tornando assim, a substituição das aulas presenciais pela implementação de aulas a distância, uma ação que perpetua a desigualdade na educação. Além do acesso à internet, deve-se considerar fatores





externos que interferem na relação dos estudantes com as aulas *online*, como: se eles possuem um ambiente propício para estudar em casa e se possuem tempo hábil para acompanhar esse tipo de atividade.

Ao mesmo tempo, a pesquisa permitiu perceber que o acesso às plataformas que disponibilizam conteúdos educativos se faz de modo majoritário para complementar as demandas escolares.

O modelo das aulas *online* analisadas também nos faz refletir sobre o significado da interatividade, em geral, uma característica valorizada e associada de modo exclusivo aos conteúdos digitais, já que o advento dessa tecnologia possibilitou uma ampla rede de comunicação universal. Todavia, na perspectiva escolar, a interatividade, como apresentada pelos alunos que participaram da pesquisa, se manifesta no diálogo em sala de aula, estar na presença de amigos e professores e no próprio ambiente escolar. Outra reflexão é sobre a potência do modelo escolar que acaba por definir algumas das características do modelo *online*, possibilitando a crítica ao modelo polar: aulas presenciais versus aulas online. Desse modo, é possível pensar em uma relação de coexistência e complementaridade entre essas duas formas de transmissão de conhecimento.

Dessa forma, fazem-se necessários novos estudos que busquem compreender o uso dessas plataformas digitais no contexto da pandemia do novo Coronavírus, para que assim, seja possível ter um novo olhar da relação dos jovens com esses recursos digitais, diante da ausência de aulas presenciais.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CANCLINI, Néstor Garcia. **Consumidores e cidadãos: conflitos multiculturais da globalização**. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 2005.

CANCLINI, Néstor Garcia. **Leitores, espectadores e internautas**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

DAYRELL, Juarez; MOREIRA, Maria Ignez Costa; Stengel, Márcia (Orgs.). **Juventudes contemporâneas: um mosaico de possibilidades**. Belo Horizonte: Ed. PUC Minas, 2011.

IBGE, 2010. **Distribuição da População por sexo segundo os grupos de idade – Brasil – 2010**. Disponível em: <<https://brasilemsintese.ibge.gov.br/populacao/populacao-por-sexo-e-grupo-de-idade-2010.html>>. Acesso em: 20 de julho de 2020.



IBGE, 2018. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua** - PNAD Contínua. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/estatisticas/sociais/trabalho/17270-pnad-continua.html?edicao=27138&t=sobre>>. Acesso em: 19 de julho de 2020.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Editora 34. 1999.

MARTÍN-BABERO, Jesús. **A comunicação na educação**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTAELLA, Lucia. A aprendizagem ubíqua substitui a educação formal. **Revista de Computação e Tecnologia da PUC-SP**, v. 2, p. 17-22, 2010. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/ReCET/article/viewFile/3852/2515>>. Acesso em: 20 de julho 2020.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Papyrus, 2013a.

SANTAELLA, Lucia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**. n.9, abr./jun. p.19-28, 2013b. Disponível em:<[https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09\\_abril2013/NMES\\_1.pdf](https://www.revistaensinosuperior.gr.unicamp.br/edicoes/edicoes/ed09_abril2013/NMES_1.pdf)> . Acesso em: 23 de junho de 2020.

SANTAELLA, Lucia. O livro como prótese reflexiva. **MATRIZES**, v. 13, n. 3, p. 21-35, dez. 2019.

SARLO, Beatriz. **Cenas da vida pós-moderna**: intelectuais, arte, videocultura na Argentina. 5 ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 2013.

VIDAL, Priscila Vidal Carneiro; DANTAS, Edmundo Brandão. Dependência móvel: a relação da nova geração com os gadgets móveis digitais. **Signos do Consumo**, São Paulo, v. 8, n. 2, p. 67-84, jul./dez. 2016.

#### **MARIA LUIZA REIS CASTRO**

Aluna do curso de Técnico de Alimentos Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ – Campus Rio de Janeiro). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC Jr).

#### **ALICE MOURA ARAÚJO DA SILVA**

Aluna do curso Técnico em Meio Ambiente Integrado ao Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ – Campus Rio de Janeiro). Bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC Jr).



#### SÉRGIO LUIZ ALVES DA ROCHA

Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (ProPed/UERJ), Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Medicina Social (IMS/UERJ), Graduado e Licenciado em Ciências Sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Membro do Laboratório de Estudos da Cidade (IFRJ/LEC). Linha de pesquisa Cidade, Juventude, Escola e Tecnologia. Atua como professor de Sociologia do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ - Campus Rio de Janeiro).

#### PATRÍCIA OLIVEIRA DE FREITAS

Pós-Doutora em Estudos da Criança, área de especialização em Sociologia da Infância, no Instituto da Educação da Universidade do Minho, Braga/Portugal, sob orientação do professor Manuel Jacinto Sarmiento. Doutora em educação pela Universidade Federal Fluminense, com tese na área de cotidiano escolar. Professora associada do Instituto de Ciências Sociais Aplicadas - ICSA da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ.

**Contribuição de autoria.** Maria Luiza Reais e Alice Moura de Araújo Silva participaram da elaboração do instrumento de coleta de dados, da sua aplicação, da análise dos dados, do levantamento bibliográfico e da redação do artigo. Sérgio Luiz Alves da Rocha e Patrícia Oliveira de Freitas participaram da concepção e elaboração do projeto, orientaram as estudantes durante todas as etapas da pesquisa e participaram da revisão e edição final do artigo.

submetido  
31.07.2020

reapresentado  
02.01.2021

aprovado  
23.02.2021

**Apoio.** Edital nº. 01/2020 - Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro. Esta pesquisa foi desenvolvida a partir de uma parceria entre o Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro e o Instituto de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro.

**Licença de uso.** Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.